

Violência X Tolerância

Como semear a paz no mundo

Caia Amoroso

Sugestões de atividades elaboradas por:

Januária Cristina Alves^{ibid} – Jornalista, Mestre em Comunicação Social pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), infoeducadora e autora de mais de 40 livros para crianças e jovens.

A AUTORA

Caia Amoroso – Jornalista, escritora e coordenadora de projetos de conteúdo audiovisual.



COLEÇÃO INFORMAÇÃO E DIÁLOGO: PARA LER E DISCUTIR

Uma coleção que trata de temas atuais, que estão em discussão na mídia e que, com certeza, renderão um bom diálogo e uma proveitosa troca de ideias entre os jovens de 11 a 14 anos. Escrita por jornalistas e especialistas na temática abordada, com uma linguagem leve, contendo informações relevantes sobre o tema, a coleção provoca o leitor a querer saber mais sobre o assunto abordado.

Assim é a coleção *Informação e Diálogo*, com livros em formato de almanaque, que usam e abusam dos hipertextos, proporcionando ao jovem leitor informações rápidas, interligadas e indicações de temas correlatos por meio de dicas e *links* nos diversos meios de comunicação.

O objetivo da coleção é oferecer ao jovem um conjunto de temas que possam ser discutidos e compartilhados entre os colegas de escola, amigos e também com a família, despertando o seu interesse e estimulando-o a prosseguir a pesquisa iniciada por meio da leitura dos volumes da coleção.

Por que trabalhar com *Violência x tolerância: como semear a paz no mundo?*

Dando continuidade à proposta editorial da coleção, que é oferecer aos leitores do Ensino Fundamental II temas atuais que estão em discussão na mídia e que com certeza renderão diálogos e pesquisas em casa e na escola, a Editora Moderna lança o título *Violência x tolerância: como semear a paz no mundo*, segundo livro da jornalista Caia Amoroso para essa coleção.

Nada tem mobilizado tanto a opinião pública nos dois últimos anos quanto as questões de violência e de intolerância em todos os níveis. O noticiário está recheado de fatos que envolvem seres humanos em situação de disputa irracional, desrespeito ao próximo e preconceitos de toda ordem, provocando nos cidadãos de todas as idades medo, horror e uma certa descrença na humanidade. Com certeza, a discussão e a análise desses fatos devem

fazer parte do cotidiano escolar, espaço privilegiado para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes.

Sabemos que a questão é complexa, envolvendo uma multiplicidade de conceitos, e que as soluções para esse mal que ceifa mais de um milhão de vidas a cada ano ao redor do mundo são tão desafiadoras quanto a manutenção da vida no planeta. Mas por isso mesmo é fundamental mergulhar no assunto e tentar descortiná-lo da maneira mais ampla possível, para que não nos esqueçamos dos males causados pela violência em nosso cotidiano e tenhamos condições de, pelo menos, minimizá-los.

Nesse sentido, o livro oferece informações e propõe questões que vão facilitar muito a abordagem do tema em sala de aula, além de propiciar a pesquisa e o debate.

Vamos hastear juntos essa bandeira pela paz?

SUGESTÃO DE PROJETO PEDAGÓGICO PARA TURMAS DO 6º AO 9º ANO

Trabalho interdisciplinar: Ciências, História e Geografia.

Temas transversais: Pluralidade cultural e ética.

Atividades para antes da leitura

Quando pensamos sobre a violência, a primeira questão que nos ocorre é: Será que ela sempre existiu? Seria o ser humano um ser violento por natureza? São questões excelentes para você, professor, introduzir o assunto em sala de aula. Lance as questões e anote as respostas que forem aparecendo.

A seguir, leia, junto com o grupo, o artigo abaixo, do jornalista Reinaldo José Lopes, sobre uma descoberta pré-histórica relatada na *Folha de S. Paulo* em que foram encontrados, na África, sinais de um massacre de 12 pessoas mortas a flechadas e golpes de porrete (<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2016/01/1732253-antropologos-acham-12-esqueletos-de-vitimas-de-guerra-pre-historica.shtml>. Acesso em: 15 maio 2017). Ao que tudo indica, o que seria o Paraíso na terra já mostrava sinais de violência...

Guerra sem fim?

Críticos literários provavelmente vão querer me estapear pelo que direi a seguir, mas nada me tira da cabeça que o livro que melhor entendeu os demônios do século 20 é um romance infantojuvenil sobre o rei Arthur.

Há muitas cenas memoráveis nas cinco partes de “O Único e Eterno Rei”, escrito pelo britânico T.H. White (1906-1964), mas talvez a mais tocante seja o momento em que o velho Arthur, pouco antes de sua última batalha, relembra com desespero suas tentativas fracassadas de extirpar a guerra e a violência de seu reino. Era como tentar tapar com o dedo os buracos que teimavam em aparecer numa represa imensa: a água sempre escapava por algum outro furo, escreve White. No fim das contas, o fracasso do monarca mostrara que não somos o Homo sapiens (“sábio”, em latim), mas o Homo ferox (“feroz”), a única espécie do reino animal capaz de exterminar em massa seus semelhantes.

Foi em White que pensei ao escrever recentemente nesta Folha sobre a descoberta de um massacre ocorrido há 10 mil anos, no Quênia: 12 homens e mulheres mortos a flechadas e golpes de tacape, no que parece ser a mais antiga guerra cujos vestígios chegaram até nós. Nosso Éden africano, em outras palavras, foi um matadouro. Será que o vaticínio do romancista sobre sua própria espécie estava correto?

Bem, depende. Dos anos 1950 (quando a obra magna de White foi concluída) para cá, veio à tona um fato que, se não absolve propriamente o homem, ao menos faz com que ele não pareça uma aberração tão grande assim. Ocorre que a guerra é muito mais comum na natureza do que o escritor imaginava.

Chimpanzés, nossos primos de primeiro grau na Árvore da Vida, praticam o que só pode ser definido como guerras de conquista – matam membros de grupos rivais para tomar seu território. Coisas muito parecidas acontecem entre carnívoros sociais, como lobos, leões e hienas. E mesmo formigas fazem expedições de guerra escravista, levando larvas cativas para seu formigueiro – com o atenuante de que isso costuma acontecer entre insetos de espécies diferentes.

Quando a gente observa toda a saga da espécie humana, da mais remota pré-história ao século 21, fica

claro que as guerras e a “violência interpessoal letal” (como dizem os antropólogos) de fato sempre existiram – mas há motivos para uma dose moderada de otimismo.

O mais importante deles é que, mesmo levando em conta a violência urbana, o terrorismo e o tráfico de drogas deste ano de 2016, os seres humanos de hoje levam uma vida muito mais pacata e segura, em média, do que a de caçadores-coletores do passado remoto ou recente. Nessas tribos sem aparato estatal (ou seja, sem presidente da República, polícia ou Exército regular), a proporção de mortes violentas é dezenas ou até centenas de vezes superior à atual – e parecida com a proporção que a gente vê em outras espécies de mamíferos sociais, inteligentes e altamente territoriais, aliás.

Tudo indica que o primeiro passo para quebrar esse ciclo de violência é a consolidação do Estado como árbitro de disputas – sem uma autoridade central, a tendência natural é resolver diferenças na base da pancada. Mesmo com as duas guerras mundiais do século 20, a tendência de redução da violência já dura séculos.

Talvez nunca seja possível estancar totalmente a enchente da guerra. O futuro é um território vasto e perigoso, mas algo me diz que os esforços heroicos do menino que tirou a espada da pedra e virou rei não foram tão fúteis quanto ele imaginava.

(Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/rei-naldojoselopes/2016/01/1735183-guerra-sem-fim.shtml>. Acesso em 15 maio 2017.)

Como o autor do artigo faz referência à história do rei Arthur e a lenda da espada Excalibur, relembre rapidamente do que trata essa história para contextualizar os alunos em relação a ela. Excalibur era uma espada que nunca havia sido retirada da pedra em que estava até que Arthur conseguiu e, por isso, tornou-se o rei da Bretanha. Mas, segundo a lenda, essa espada jamais poderia ser usada para a guerra, somente para promover a reconstrução e a paz.

Comente com os alunos a reportagem sobre o achado arqueológico e discuta as interpretações possíveis para o fato de, desde os primórdios da história da humanidade, já haver disputa e guerras premeditadas. Segundo uma das pesquisadoras entrevistadas na matéria, não se pode

afirmar com toda certeza que o massacre foi planejado, mas há fortes evidências que comprovariam esse fato. Pergunte ao grupo o que eles acham que ocorreu na época e por quê.

Depois coloque a questão levantada pelo autor no artigo: “Hoje em dia vivemos tempos menos violentos do que já vivemos em nossa história?”. Peça que argumentem e tragam fatos que comprovem – ou não – tal afirmativa.

Atividades para durante a leitura

A leitura do livro pode ser feita da maneira que você achar mais produtiva: por tema, em ordem numérica, enfim, escolha a melhor maneira de explorar o conteúdo. Sugerimos que aborde os temas dividindo os alunos em subgrupos, solicitando que elaborem mais questões a partir das informações que constam nos capítulos e listem o que mais gostariam de pesquisar e aprofundar sobre aquele assunto. Depois, faça com eles um cronograma para apresentarem suas pesquisas ao restante do grupo. Será uma forma de manter o assunto vivo enquanto vocês estiverem lendo o livro.

Sugerimos que, no capítulo em que a autora aborda a violência a partir do quadro “Guerra e Paz”, de Cândido Portinari, você aproveite para lhes apresentar uma outra obra que é referência sobre esse assunto: “Guernica”, de Pablo Picasso. Discorra sobre a obra, explicita seu contexto e enfatize sua importância para a conscientização dos seres humanos em relação aos danos irreversíveis causados pela guerra e pela violência.

Faça uma cópia das duas obras e distribua para cada aluno pedindo que comparem as pinturas e façam uma relação entre elas e o contexto em que foram criadas. Organize as discussões de modo que todos falem e ouçam. O respeito pelas ideias do outro também é uma forma de celebrar a paz.

Como fechamento da atividade, apresente-lhes a frase a seguir, de Picasso, em que ele fala o que pensa sobre “guernica” e o papel da obra de arte e as questões sociais. Comentem e discutam, também comparando com a obra de Portinari.

No, la pintura no está hecha para decorar las habitaciones. Es un instrumento de guerra ofensivo y defensivo contra el enemigo.

(“Não, a pintura não está feita para decorar apartamentos. Ela é uma arma de ataque e defesa contra o inimigo.”)

Atividades para depois da leitura

Após o término da leitura do livro, será muito proveitoso se você puder trabalhar com os alunos os possíveis caminhos para semearmos a paz, ou seja, as diversas soluções que eles visualizam para minimizar ou resolver o problema. O artigo abaixo, da educadora Cláudia Costin, publicado na *Folha de S.Paulo*, faz uma relação interessante entre violência e educação, a partir do exemplo dos conflitos ocorridos nas prisões brasileiras no início de 2017. A leitura e discussão desse artigo podem render um debate desafiador no qual os alunos têm a oportunidade de fazer cruzamentos com as diferentes áreas em busca de alternativas para a violência.

Trump e os presídios, qual o papel da educação?

Tivemos uma semana bastante agitada, que culmina nesta sexta (20) com a posse do presidente Trump nos EUA. No Brasil, as rebeliões em presídios prosseguiram, com mortes e cenas de horror.

A posse de Trump preocupa não apenas por aquilo que ele disse na campanha, eventualmente parte de uma estratégia de marketing para atingir corações e mentes de segmentos da população americana sem voz, mas com voto, perplexos com a perda de emprego e renda por conta da automação. O que mais chama a atenção é que essas pessoas ganharam vida e ativismo num discurso recheado de preconceitos em relação ao “outro”, percebido como estrangeiro, intelectual, associado ao “politicamente correto” e dissociado dos valores fundadores da nação.

Esse contexto assemelha-se, em alguns aspectos, ao que foi descrito com maestria pelo historiador Robert Paxton, da Universidade de Columbia, no seu “The Anatomy of Fascism”, ao falar do fenômeno surgido no período entreguerras, fase em que vozes semelhantes se levantaram, com consequências traumáticas.

O problema dos presídios, por outro lado, revela uma face feia de outros segmentos da população que querem se

ver livres do crime não por uma questão de justiça, pelo cumprimento de penas ou por uma eventual recuperação de criminosos, mas por vingança contra quem os cometeu. Nesse sentido, o criminoso é percebido como monstro, cuja eliminação deveria ser celebrada.

O que une essas duas notícias aparentemente dissociadas? Na pauta dos jornais esta semana, outra matéria, desta vez sobre o Enem, serve de amálgama: embora a nota média do exame tenha subido em matemática e linguagens, só 7,3% dos alunos atingem o aprendizado adequado em matemática. Ou seja, mais uma evidência aparece de que os alunos não estão aprendendo.

Se não aprendem, o futuro reservado a eles não pode ser promissor, certamente não num contexto em que se demandam competências de nível superior para empregabilidade ou empreendedorismo. A alternativa poderia ser o crime? Não necessariamente, mas os caminhos do sucesso se fecham, e a questão permanece em aberto.

Mas como isso se relaciona à posse de Trump? Ora, a educação básica nos Estados Unidos tampouco anda bem, com índices inaceitáveis e estagnados no PISA de 2015 e taxas ainda elevadas de abandono escolar. Ocorre que lá o mundo do trabalho mudou bem mais rapidamente do que aqui, e o desemprego e a renda não mais de classe média atingiram em cheio quem ficou com baixa escolaridade.

Não por acaso, a demografia do voto mostra que o que faltou foi coragem para fazer as mudanças mais importantes em educação.

(Fonte: <http://m.folha.uol.com.br/colunas/claudia-costin/2017/01/1851464-trump-e-os-presidios-qual-o-papel-da-educacao.shtml?mobile>. Acesso em: 15 mai. 2017.)

Se quiserem ampliar a discussão sobre o sistema prisional brasileiro e suas consequências para a sociedade, os alunos podem ler juntos a reportagem da revista *Carta Capital*, que traça um panorama bastante detalhado e realista da situação: <http://www.cartacapital.com.br/revista/838/se-cadeia-resolvesse-4312.html> (acesso em: 15 maio 2017).